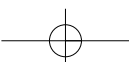
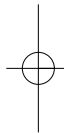
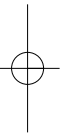
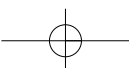
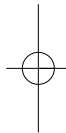
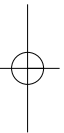


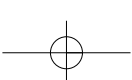
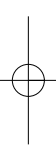
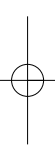
Não me contes o fim





Rita Ferro
Não me contes o fim

Romance





Leya, SA

Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide • Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor.

© 2005, Rita Ferro e Publicações Dom Quixote

© 2009, Rita Ferro e LeYa, SA

Capa: Panóplia®

Revisão: Eulália Pyrrait

1.ª edição BIS: Junho de 2009

Paginação: Júlio de Carvalho, Artes Gráficas

Depósito legal n.º 293 827/09

Impressão e Acabamento: Litografia Rosés, Barcelona, Espanha

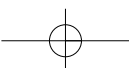
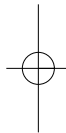
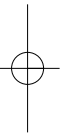
ISBN: 978-989-660-019-8

<http://bisleya.blogspot.pt>

*À Isabel, Paula, Ana, Mané, Zé António,
Guida e Lopa, Carolina e Mico, Cristina
e Tivas, Lúcia e Luís Henrique, amigos e abrigos.*

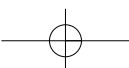
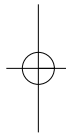
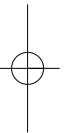
E treze, como os personagens principais.

*À Joana Rosas,
que me inspirou esta história.*



Tentei ser normal, mas não consegui.

David Byrne



I

Levei-o para o quarto, é verdade.

Chamava-se Hoso e era recepcionista do Clube. Um chinês doce e subtil que tinha o hábito de moldar, no miolo de pão que sobrava das refeições, pequenas figuras para me oferecer. Quase sempre aves, miniaturas executadas com um primor escultórico notável: flamingos, pombas, águias, passarinhos. Trouxe-as do Brasil e guardei-as no Porto até apodrecerem. Salvou-se um pelicano, que cheguei a envernizar, mas que a Cacilda acabou por aspirar do chão, sem querer.

Quando deitou o corpo sobre o meu, tão delicadamente que não lhe senti o peso, o macaco saltou-lhe para as costas e pôs-se aos saltos, feito louco. Assustado, Hoso levantou-se e fugiu espavorido, nu como estava. No corredor, esbarrou com o gerente, que lhe falou asperamente, proibindo-o de dançar durante três noites. Fiquei furiosa e, na manhã seguinte, enfrentei o homem:

– É contra o sexo, o senhor?

– Não, sou contra os escândalos aqui dentro.

Tinha razão, eu é que não queria dar o braço a torcer:

– Se ele não dança eu também não danço!

– Se não dança é despedida, a escolha é sua!

A alternativa era voltar a Portugal ou à presença de José Eduardo e de tudo o que o envolvia. Não tinha escolha. Optei por trancar o macaco no quarto e fazer uma visita ao Hoso, depois do espectáculo. Foi pena. O bicho assustara-o, não conseguiu abstrair-se para se entregar a mim. Não

teve importância. Falámos a noite inteira, sem parar, e, no dia seguinte, dancei de rastos. Mas ficámos amigos para sempre e, mais tarde, casou-se com a minha irmã.

Um ano depois, ligou-me a perguntar se eu me lembrava dele. Ralhei-lhe, chamei-lhe estúpido, como era possível esquecer-lo? Convidei-o para passar uns dias em nossa casa e já não voltou a Hong Kong. Apaixonou-se pela Isabel e casaram pouco depois. Não tinha pai nem mãe, era só ele e uma avó que lhe morrera nesse ano. Às vezes acontece, fugirem-nos todos; e correremos o mundo inteiro para encontrar uma família. Aquele encontrou a minha. Quando, hoje, olho os meus sobrinhos, lembro-me do macaco. Se não fosse ele, quem tinha um filho sem pálpebras era eu.

Chamava-se Susto, fui eu a baptizá-lo. Um nome literal, evocativo da primeira reacção que me inspirou. Tenho saudades dele. Gosto de imaginar que foi encontrado por gente boa e que ainda hoje vive no Porto, feliz, numa casa perto da nossa, alegrando tudo e todos. E que tem saudades minhas, tantas como eu dele.

Trazia-o ao ombro, quase sempre. Era um sagui anão, inofensivo, mais baixo do que um copo de whisky. Caiu-me no colo como um coco, na esplanada, e senti-me designada a criá-lo. Perdera-se da mãe, talvez tenha despertado em mim o instinto maternal. No bar, toda a gente se riu com o susto que apanhei. O salto, os copos todos no chão, a saia molhada. Se ninguém se tivesse rido, talvez me risse eu. Assim, não tive escolha:

– Fico eu com ele, está decidido!

Trouxe-o drogado, no avião, dentro de uma caixa de Tampax. Cheguei a fazer-lhe um colete de lã, ridículo, para que sobrevivesse aqui. Mas quando voltei do Brasil era Inverno, a casa dos meus pais era gelada e, um dia, ele fugiu. Chorei nessa noite. Passei dias a procurá-lo, correndo tudo, gritando o seu nome à copa das árvores. Nenhum vestígio. Ao fim de algum tempo, desisti. Convinco-me de que fora jantado por um gato e não voltei a falar dele. O meu pai ainda tentou consolar-me, carinhoso, mas sem levar a sério o meu desgosto:

– A minha filha triste por causa dum macaco! Não pode ser!

Nem ele podia perceber. Quem desaparecia não era o bicho, mas o testemunho de tudo o que eu vivera naquela ilha prodigiosa, no Brasil. Seis meses que tinham passado a correr, no calendário, mas que permanecem intactos dentro de mim.

Era um bicho patusco. Esperto, alegre, brincalhão. Quando fugiu, dei comigo a pensar que a mente não é um bom sítio para se guardar memórias. Misturadas com outras, modificam-se ou desvanecem-se. É preferível uma coisa exterior, com vida própria. Um adulto, uma criança, um animal. Um ser vivo capaz de nos devolver, num relance, uma recordação importante. A cabeça não é de fiar. Transforma o que regista, segundo as suas conveniências. Recriando, reescrevendo, negando por vezes. Até ao ponto de nos sentirmos vazios, principiantes. Afinal tudo nos escapa, tudo se esvai. E o que fica, no fim? Esta ideia errada, mas persuasiva, de que nada existiu realmente. Não há testemunhas da nossa experiência e da nossa coragem. Foi tudo um desperdício e a vida não valeu a pena.

É falso, mas tão convincente que desespera.

O macaco foi, é verdade, importante para mim. Vivi com ele momentos, dias que não quero esquecer. Num deles, deu-se uma explosão na cozinha do Clube que incendiou todas as máquinas, parte da casa de jantar e o bar. Foi preciso remover as vítimas e, entre tanta gente ali, clientes e empregados, fui eu a salvar a situação. Tinha uns primos a viver a sul, liguei-lhes, pedi-lhes que mandassem um helicóptero. Duas horas depois, todos os queimados recebiam tratamento hospitalar. E eu, que tinha terror de voar, embarquei sem medo. Ainda me lembro dos gritos e do cheiro da carne queimada, na caranguejola. Nessa altura lembrei-me, horrorizada, dos pais do José Eduardo. É das tais coisas que não nos saem da memória, mesmo expulsas ou soterradas.

Confirmei o que já ouvira: em situações de aflição, tornamo-nos crentes. Durante o trajecto até ao hospital, pen-

sei que estávamos no Céu e, portanto, mais perto de Deus. E que Ele, ali, nos ouviria melhor. Não sei se ouviu. A verdade é que o aparelho lá aterrou e que todos os feridos, um a um, foram salvos.

Esqueci-me de mim, nessa altura fui capaz.

Estive mais de uma semana hospedada num pardieiro pejado de insectos e sem refrigeração de espécie alguma, a dormir em lençóis manhosos, e levantava-me às quatro, cinco da manhã, todos os dias, para mudar os pensos a toda aquela gente em agonia.

Em todos os lugares se descobrem coisas, é espantoso. Deveríamos andar com fotografias das pessoas ou dos sítios que assinalam essas descobertas. No hospital, descobri que, mesmo no maior sofrimento, as pessoas lutam pela vida. Uma delas gritava:

– Acabem com isto, deixem-me morrer!

E chorava, numa súplica lacerante.

Não sei o que me impressionou mais. Ver gente a morrer ou a suplicar a morte com educação e gramática. Aquela, afinal, não queria morrer. Ainda me lembro do bem-estar que sentia a seguir à injeção de morfina, quando lhe untávamos o corpo com bálsamo e lhe fazíamos a cama de lavado. Pedia o contrário, aliás, chorando como um bebé: «Não quero morrer! Prometam-me que não vou morrer!»

A vida é tão poderosa que nem o sofrimento mais horrroso consegue denegri-la. Vale por si e não por nós, e é por isso que custa deixá-la. Vi isso nos queimados. Não pediam a sua vida de volta; nem as pessoas que conheciam nem os lugares que deixavam nem as coisas acumuladas; pediam qualquer vida.

Queriam viver, simplesmente.

O Susto, o Hoso, os queimados. Os pais do José Eduardo, abraçados, no chão. A relação que as coisas têm entre si. O papel poderoso do acaso e dos impulsos que se seguem. A sensatez tem vantagens, claro, mas não produz os mesmos efeitos, os mesmos prodígios. Nem a felicidade é tão rica, tão fecunda como o sofrimento. Mas uma sem o outro não subsiste, é aceitar e pronto.

Foi o Susto que provocou o incêndio no Clube. Abriu os bicos do gás e, meia hora depois, acendeu-os. Só eu soube que foi ele e nunca o disse a ninguém. Quando ia para a cozinha roubar fruta, todas as manhãs, via o cozinheiro a ligar o fogão. Um dia, imitou-lhe os gestos. Saltou para a bancada, acendeu um fósforo. Só percebi que foi ele mais tarde, quando entrei no quarto e fui encontrá-lo dentro de um sapato, a chorar e a abanar o corpo, como um autista. Esteve assim muitas horas, em estado de choque. Com o coração a bater tanto que o peito lhe pulsava. Não sei como, apercebeu-se da tragédia que causara e cheguei a recluir-me que morresse de aflição. Dei-lhe um quarto de Valium, sem perguntar a ninguém, e pensei que estaria a matá-lo de outra maneira. Não morreu e levei-o comigo, no helicóptero. No hospital, tornou-se a mascote da enfermaria. Tinha umas mãos humanas, esqueléticas, que horripilavam. Mas capazes de arranhar as almofadas dos queimados para que eles sentissem um conforto amigo, por entre a dor. No fim, já conseguia equilibrar um copo de plástico nas mãos, com dois dedos de água, e levá-lo até à boca dos doentes. E sempre que ouvia algum a gemer pulava-lhe para a cama e fazia palhaçadas para o divertir. Verdade. Pendurava-se no gancho do soro e fazia mortais e piruetas, como um boneco de corda. Era muito engraçado e duvido que fosse irracional. Amou-me como um filho, porque não o castiguei naquele dia.

No fim da tragédia, quando todos regressaram aos seus países, o médico brasileiro veio dizer-me:

– Se não fosse o macaco tinha sido pior, muito pior!

Espantoso. Fora ele o culpado e agradeciam-lhe. Para quê, então, dizer a verdade? Também aprendi isso: em certas ocasiões, a verdade é anacrónica, dispensável.

Há quem se pergunte se os chineses são bons com as mulheres, poucas europeias os conhecem nesse aspecto. Aquele era. Antes de o Susto lhe saltar para as costas, o Hoso foi bom comigo. Contou-me lendas do seu país, fez-me festas no cabelo, massajou-me os pés, a barriga, as costas e as mãos. Por fim, quando me sentiu nas nuvens, dan-

çou comigo de olhos fechados, sem nunca deixar de me sorrir com os seus dentes alinhados, brancos e brilhantes. Depois, estendeu-me na cama e, com as mãos, fechou-me os olhos. Obedeci-lhe já desfalecente, com o sexo inchado como uma corola carnívora e os bicos do peito duros como pedra. A meio do transe, abri os olhos e espreitei o que fazia. Nada. Limitava-se a olhar o meu corpo, dos pés à cabeça e da cabeça aos pés, muitas vezes, passando sobre ele o indicador, com a boca tão perto da minha pele que lhe sentia o vento do sopro. Era uma sensação tão avassaladora que, mesmo antes do ataque do Susto, eu já tinha gozado muito, quase tudo, tanto que nunca, depois disso, viria a contentar-me com menos.

Nenhuma mulher resiste à devoção com que é tratada e fiquei feliz pela Isabel. Era uma miúda fechada e trombuda, antes de conhecê-lo. Fraca de saúde e de cabeça, e de uma beleza baça, sem nada que a recomendasse. Coitada, sofrera antes de tempo. «E não sonha», queixava-se o meu pai. Mas Hoso beijou-a um dia, na casa do Porto, e, segundo ela própria me confessou, foi a primeira vez que experimentou a felicidade e a reconheceu. Com o tempo, licenciou-se com boas notas, doutorou-se fora, regressou diferente e radiosa, teve quatro filhos. Vivem felizes no Minho, numa casa que ele próprio desenhou, e dão ambos aulas na universidade. Há uns anos, diagnosticaram-lhe um cancro e foi tratada, mas nunca mais a vi cinzenta como era, antes de conhecê-lo. Lutou contra a morte ao lado dele, e curou-se, para desconcerto do oncologista que a seguiu.

Por vezes, gosto de pensar que não se teria salvado sem a minha interferência. Se não fosse eu a apresentar-lhe o Hoso, dificilmente conheceriam outra alma igual, capaz de operar nela um milagre daqueles.

Ou talvez sim, que adianta especular? É das coisas bonitas que a vida tem, este encadear mágico e sortilégio responsável por tudo o que de mau, mas também de bom, acontece. Precisamos de aceitar a vida no seu todo, excluindo nada, nunca. Não é possível separar a angústia

da alegria, porque estão ambas ligadas e dependem uma da outra. Também não é possível prever a vida, evitá-la ou acelerá-la, porque o acaso é mais criativo e poderoso do que todos os planos.

A vida alterna-se e quem não sabe isto não sabe nada. Os suicidas matam-se, porque o esquecem momentaneamente.

Éramos treze a trabalhar no Clube, de várias nacionalidades. Hoso, o chinês, era recepcionista, juntamente com os dois senegaleses e o belga, e Tracy e Grett, as duas irmãs australianas, serviam bebidas no bar. Na piscina, trabalhava o Lucien, um francês alto e bem-parecido, de serviço permanente às águas, toalhas e balneários. No pavilhão das massagens, montado sobre a areia da praia, revezavam-se uma paquistanesa, uma tailandesa e um goês, que usava turbante e andava sempre com Karma, o chimpanzé.

O goês, caramba! Chamava-se Anil. Quando o conheci, presumi que teria trinta anos; mas não, tinha vinte e dois. Eram aqueles olhos, tremendamente lúcidos, que trespassavam a pele e nos chegavam à alma.

E para além do pessoal da limpeza, da cozinha e da lavandaria, quase todo índio ou nativo, que dormia num pavilhão separado e distante do Clube, havia ainda o Roberval, um baiano obeso e bonacheirão, porteiro, jardineiro e motorista. Tinha quinze filhos, todos rapazes, mas vivia sozinho na cabana de colmo junto ao portão.

E o Pablo: um mexicano misterioso, alto como um gigante, que jamais nos olhava nos olhos e era tão inacessível que incendiava a nossa imaginação. Corria o boato de que passara muito tempo na cadeia por ter morto um homem, e que amava uma irmã de sangue. Era um índio lindíssimo, forte como um touro, que se encarregava, sozinho, das bagagens, recusando qualquer ajuda.

– Preferes dar cabo da coluna, rapaz? – perguntava Nelson, o gerente.

– Prefiro – respondia, sem explicar.

Uma tarde, Roberval abriu a porta a uma mulher nova e bonita, vestida de preto, à procura de Pablo. Era morena,

mas tinha os olhos tão claros que parecia cega. A notícia espalhou-se e, como supusemos tratar-se da irmã, fomos todos, um a um, espreitá-los à praia. Pablo estava na sua folga e, não suspeitando que o espiávamos, nem por uma vez se voltou para trás. Mas as cenas que vimos eram tão bonitas, tão apaixonadas e, ao mesmo tempo, tão desesperadas, que, em vez de os condenarmos, recolhemos todos a casa, nessa noite, a sonhar com amores proscritos.

Passsei seis meses no Brasil com aquela gente, era uma família. E o calor dá outra dimensão às coisas, torna-as mais nítidas. Tenho saudades de todos. Fecho os olhos e reconstituo todas aquelas almas, cada uma com o seu nariz, olhos, feitio, mania, talento, sorriso e história. Todos tinham a sua função e todos eram controlados pelo Nelson, o gerente, um paulista de meia-idade, sempre impecável, que nos tinha na mão por conhecer, a fundo, as nossas fragilidades. Gostávamos dele moderadamente, porque além de chefe fazia um trabalho policial mesquinho, controlando tudo e todos. Mas era sério e nunca o vi agir com injustiça.

Curiosa a nossa rodagem ali dentro, naquela estância de milionários, fazendo de tudo um pouco, desde receber cada nova remessa de turistas com sumos de frutas e colares de flores, até providenciar-lhes os mais pequenos caprichos ou dançar para eles todas as noites, em espectáculos multicolores sempre diferentes, coreografados por Marcelo, um milânês que estudara num seminário, mas sabia dançar todos os passos e tocar todos os instrumentos. Os estrangeiros adoravam as variedades e perdoavam-nos os deslizes, sobretudo nos números sem *play-back*, compreendendo que não éramos dançarinos ou cantores de verdade e que nos superávamos. E como dançar era, aliás, o que mais gostávamos de fazer, o Nelson sabia bem o desgosto que dava ao Hoso ao proibi-lo de ensaiar connosco o próximo espectáculo.

Estou a sorrir neste momento.

Era um número de malabarismo, arriscado, protagonizado por Anil, o goês, com uma novidade sem preceden-

tes: quem lhe atirava as tochas de fogo, incendiadas, era Karma, o macaco dele. Entretanto, de cara tapada e só com os olhos à vista, tragicamente pintados, as mulheres executavam a dança do ventre, enquanto os sultões, refastelados, petiscavam manjares. O papel do Susto era descascar uvas para um deles e passar-lhas com as suas mãozinhas humanas. O guarda-roupa era novo e cintilante e a ideia boa: as odaliscas desafiariam os clientes para dançar e a pista encher-se-ia em poucos minutos, para só se esvaziar de madrugada, quando as senhoras, cansadas, recolhessem aos quartos, e nós, já de uniforme vestido, convencêsemos os bêbados a largarem os copos e a deitarem-se também.

Mas nem sempre corria bem, e, dessa vez, Karma, o macaco de Anil, resolveu estragar a estreia. Em vez de lançar os fachos ao dono, como ensaiara, começou a arremessá-las ao público, sem mais nem menos, provocando o pânico entre os hóspedes e aterrorizando, em particular, o Susto, a quem as labaredas vivas, numa das toalhas, trouxeram à memória o pesadelo na cozinha. Fomos rápidos, todos, a recolher os archotes, a trocar a toalha e a repor a ordem, apresentando em seguida um número de *can-can*, e nada mais ardeu nem ninguém se magoou. Mas o Nelson, convencido de que os símios eram uma espécie pirômana, a abater, chamou-nos à parte e proibiu, de vez, a participação de animais nos programas de diversão.

Grett, que nutria por Karma uma afeição excessiva, quase histérica, ressentiu-se como se o castigo fosse dela; mas o Nelson tinha razão, os macacos tinham que ser controlados. Os danos causados pelo fogo na cozinha tinham sido muitos e avultados. Felizmente, os franceses são pessoas organizadas e os proprietários da estância conseguiram mandar reparar tudo em tempo recorde, antes da entrada do grupo seguinte, que não chegou a ser cancelada. No fim da semana, ninguém podia imaginar que aquele cenário luxuoso e aprazível fora, dias antes, palco de um inferno. E o gerente não cedeu: doravante, os dois macacos passariam a dormir em gaiolas ao ar livre, separadas, para aprenderem a comportar-se.

Enfim. Histórias irrelevantes para o Mundo, mas sentidas com intensidade por quem, como nós, as viveu longe de casa e da família, numa idade daquelas. Foram seis meses de vivência comum, primeiro forçada, depois voluntária e, por fim, desfrutada com um prazer e uma felicidade incomparáveis. Foi lá que aprendi a lidar com os diferentes tipos de pessoas e de culturas, a obedecer e a transgredir, a enfrentar apuros e a resolvê-los sozinha, a dissolver os meus medos e fantasmas, a sobreviver sem a atenção dos meus pais ou o apoio da minha irmã, os mimos da Cacilda ou a paisagem hospitaleira do rio da minha infância. Por isso estou tão grata ao meu pai, que me convenceu a aproveitar aquela oportunidade de trabalho longe de casa, da rotina que me atrofiava, das recordações negras da família e das de José Eduardo, sobretudo.

Fora um romance estranho.

Tinha quinze anos e estudava num dos poucos liceus mistos, do Porto. Não sei se era bonita. É-me penoso avaliar-me, quanto mais descrever-me. Há dias em que me sinto cativante e difícil de ignorar, noutros incolor, insignificante, invisível. Mas enfim. Era alta e proporcionada, segundo me contam, e não me faltavam rapazes a oferecer-me boleia de moto, ou até de automóvel, todas as tardes. De entre esses, havia um que me chamou a atenção por ser fino, mais velho do que eu e, sobretudo, desconhecido. Tinha um ar triste, e a atracção que a melancolia masculina exerce sobre todas as mulheres do mundo não é tão misteriosa como parece. Há nela um desafio expresso, que nos incita a testar imediatamente os nossos poderes transformadores. Alegria não é tanto um impulso altruísta, mas uma verificação íntima das nossas armas de sedução. Em regra, é uma abordagem leviana e pouco ou nada amorosa; mas, sobretudo na juventude, é fácil confundir-se esse narcisismo com o verdadeiro amor.

Foi o que me aconteceu, de início.

Mas era mais, muito mais do que triste, o José Eduardo Ponte. Filho único e educado numa prodigalidade extravagante, tinha tudo aquilo com que os outros começavam a

sonhar. Relógios, discos, dinheiro vivo, roupas caras e sempre novas, e férias nos pólos ou no equador, conforme lhe apetecia. Era rico e, naquela época, ser-se rico era mais raro do que agora. Olhado com reverência pela rapaziada e com derricho pelas meninas, dizia-se que estudava no liceu por excentricidade, pois já tinha corrido os melhores colégios europeus. E queria ser jornalista, o que nos excitava.

Bom, isto era a história feliz, mistificada entre as aulas e os intervalos, no liceu. Com o tempo conheci outra.

Era órfão de pais e não tinha irmãos. Por junto, havia um tutor que lhe administrava a herança, pelo menos até à maioridade, aos vinte e um. Nascera de um conde, casado e latifundiário, e de uma florista chamada Esmeralda. Quando soube do caso, Leonor, a mulher legítima, obrigou-o a romper com a amante; mas entretanto já esta engravidara do conde, por quem se apaixonara. Foi nessa altura, para evitar o escândalo, que o casal resolveu trocar o Algarve, onde ambos viviam, pelo Porto, onde o conde acabou por fazer fortuna e se tornar banqueiro. Entretanto, Esmeralda, que o amava, mas que não aceitou ser tratada como uma rameira, provou judicialmente a paternidade do bebé. Soube-se também que o conde, abalado com o litígio, conseguiu esconder da mulher todas as diligências de Esmeralda para que ele perfilhasse o filho; mas mal Leonor morreu, tuberculosa, nomeou José Eduardo como seu herdeiro universal. Mais tarde, sem alardes, desatou uma das propriedades do Algarve e doou-a à florista. A partir daí, passou a enviar a mãe e filho avultadas remessas mensais, certificando-se de que nada lhes faltava.

Foi nessa quinta do Algarve que José Eduardo cresceu, passando de pé rapado a menino d'oiro, vivendo como um lorde com o dinheiro de um pai que não conhecia, para espanto e inveja de todos os que tinham visto crescer a mãe e acompanhado o seu esforço, notável, para o criar sozinha. E, um belo dia, o conde apareceu na quinta, a visitá-los.

Na minha idade, uma história destas representava, em si, um trunfo romântico imbatível. E o facto de José

Eduardo me eleger como confidante fez-me sentir importante. Parece que estou a vê-lo, com o carro estacionado num dia de chuva intensa, a contar-me tudo, com as lágrimas a correr pela cara abaixo e um fio de voz a confessar-me, no fim: «Não tenho mais ninguém, preciso de ti.» Embora belo, e literário, é um fardo grande, demasiado grande para uma adolescente sem vivência, frívola, ignorante e devoradora de romances cor-de-rosa, como o era à época. E com o coração dividido entre aquele amor órfão, sombrio e claustrofóbico, e o desejo intenso de conhecer outras pessoas, outros sentimentos mais leves e, sobretudo, menos opressores.

Com o tempo, fui sabendo do resto.

Parece que o conde ficou hospedado em casa deles, logo nessa noite, e que, a partir daí, reatou a relação com Esmeralda, que era uma mulher bonita e ainda nova e que nunca deixara de o amar. Segundo José Eduardo, o pai também não a esquecera, como viria a jurar-lhe numa carta que lhe escreveu muito antes de morrer para o inteirar das suas disposições, e que cheguei a ler. Confessava o seu profundo arrependimento por não ter tido coragem de deixar a mulher nem se opor ao conselho do bispo, a quem confidenciara o seu tormento. «A religião também pode ser desumana», escreveu a páginas tantas, «pode obrigar-nos a pecar, por hipocrisia e por traição.»

José Eduardo disse-me que foram os melhores anos da sua vida, os dois ou três em que viveu com a mãe e o pai, na velha casa de lavoura restaurada, de Silves. A princípio, estranhou: «Fazia-me confusão ver aquele senhor desconhecido, já tão velho, a entrar no quarto da minha mãe e a trancar a porta.» Mas depois, «vendo-a cada vez mais alegre», começou, pouco a pouco, a gostar dele e a afeiçoar-se-lhe.

Não durou muito, o idílio. Um dia, foi jogar futebol e despediu-se dos pais, apressadamente, distraído por dois amigos que o esperavam à porta, acelerando os motores das motos. Foi a última vez que os viu. Passearam de carro, nessa tarde, e o carro onde viajavam foi colhido por um

caminhão-cisterna desgovernado. Morreram os dois na explosão, de mãos dadas e tão abraçados que os bombeiros levaram mais de seis horas a separar os corpos carbonizados.

José Eduardo mostrou-me o recorte de jornal e ainda hoje aquela imagem me persegue: em nenhum dos dois se via a pele, e, de tão fundidos, só se distinguia uma cabeça. Mesmo assim, José Eduardo não foi poupado a reconhecê-los na morgue, apoiado por dois enfermeiros, para não desmaiar.

– Vomitei durante três dias – confessou-me. – E ainda hoje, sempre que me quero lembrar da minha mãe, sinto os mesmos espasmos no estômago!

Coitado: não conseguia pensar nela sem associá-la àquela visão macabra.

Depois, vieram as trapalhadas com as sociedades do pai, o rol dos bens, os avalistas, os leiloeiros, as fundações e obras de benemerência que ele apoiava, a habilitação de herdeiros, as partilhas, a certidão de óbito, o enterro, o testamento que escrevera assim que o perfilhara.

– Lembro-me das flores. Como a minha mãe as vendia, o meu pai era influente e o desastre foi falado, chegaram coroas gigantescas de todas as parte do país.

O condutor do pesado estava embriagado e os advogados ainda o procuraram, insistindo para que movesse um processo de indemnização pela perda brutal que sofrera. Recusou, dizendo simplesmente: «O meu pai custou-me a minha mãe. Quanto valerá?»

O choque obrigou-o a abandonar os estudos e, apesar da excelência do apoio psiquiátrico que recebeu, e de dois ou três internamentos longos, na Suíça, demorou a recuperar.

– Experimentei as últimas pílulas e as mais modernas linhas de terapia, mas passava o tempo deitado e sem conseguir dormir, vomitando o que comia e incapaz de ver luz. Acredites ou não, a primeira vez que consegui sorrir, depois daquilo, foi quando te conheci.

Mais tarde, quando comecei a estranhá-lo, disse-o doutra forma:

– Já fui um fantasma.

Difícil, naquela idade, resistir à vertigem de uma história destas. Numa adolescência burguesa e acolchoada como foi a minha, é comum associar-se a desventura ao tédio. Todas as minhas amigas tinham vidas lentas e monótonas, sem nenhuma irregularidade a declarar, e ninguém que eu conhecesse experimentara, alguma vez, a verdadeira adversidade. Os meus próprios pais, e todo o seu círculo de amigos, tinham existências arrastadas e incolores, previsíveis e desprovidas de chama. O sofrimento à minha volta era inexistente ou invisível, e o inferno experimentado por José Eduardo, com toda aquela intensidade, prestigiava-o aos meus olhos. De facto, só mais tarde fui capaz de avaliar os meus privilégios e de aceitá-los como um património raro e inestimável. Até lá, toda a infelicidade me parecia irresistível como um diário trancado e aliciante como um filme para adultos, e não sei mesmo se não foi por aí, pelo falso mistério, que me deixei atrair.

Lembro-me de achar José Eduardo mais interessante do que os outros pela capacidade que tinha de se desmarcar das conversas, reagir de forma imprevisível às abordagens amáveis ou separar a comida com o garfo, durante muito tempo, olhando-a com repugnância antes de prová-la.

Ingénua: achava-o misterioso, quando era apenas doente.

E a própria atitude física, a forma lenta de caminhar ou de rodar a cabeça, de agarrar num copo ou num cigarro, que imaginava vivida, displicente e carismática, mais não era do que a dificuldade mental, quase motora, de se reajustar à vida e aos seus estímulos, depois do abalo que sofrera.

Engraçado como só o tempo nos ensina a ler e como a juventude, com o seu decreto de ignorância, pode distorcer a realidade.

Depois do acidente, e de tantas tentativas para recuperar o gosto por viver, José Eduardo foi, finalmente, viver para o Porto, onde prosperavam os negócios do pai e residia o tutor que lhe fora destinado em testamento. Lázaro Dias, amigo e advogado do banqueiro, era um homem

crente e íntegro que aceitou honradamente a rogativa do conde para que assumisse a tutela de José Eduardo e a tremenda responsabilidade pela sua formação. Vindo de quem vinha o pedido penhorava-o, mas aceitou a tarefa reticente, desconfiado da sua competência numa matéria tão delicada como a de orientar a vida de um jovem que não conhecia, debilitado por um traumatismo e com uma origem já de si tortuosa, sem laços de sangue que os unissem e já formado, para todos os efeitos. Assim, depois de muito ponderar, achou por bem inscrevê-lo ali mesmo, no liceu defronte à sua casa, para lhe facilitar o contacto, orientá-lo nas suas escolhas e amizades e reencaminhá-lo nos estudos.

E foi nesse liceu que conheci José Eduardo, quatro anos mais velho do que eu, e que a sua expressão triste, ao desafiar-me, marcaria a minha vida. Depois disso, passei a olhar a infelicidade dos outros e a atracção que ela exerce de uma forma diferente, cautelosa. Como um risco, um abismo, uma viagem sem retorno.